



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 3 DE MARÇO DE 1958.

NA ABERTURA DO ANO LETIVO DA UNIVERSIDADE DO BRASIL.

Tornou-se uma tradição, que também incluo nos compromissos do meu calendário, a presença do Chefe do Estado à cerimônia de solene abertura dos cursos. Não podendo comparecer a quantas assembléias acadêmicas comemoram, no território nacional, o reinício dos trabalhos escolares, vali-me duas vêzes já da inauguração dêles na Universidade do Brasil para dirigir aos quadros da inteligência e da cultura brasileira uma calorosa mensagem de confiança e regozijo. Hóspede pela terceira vez da Universidade, cujas cátedras simbolizam a culminância do saber, a palavra, hoje, do Presidente da República, pode e deve equiparar-se à dos mestres: leva a paternal autoridade dos que ensinam (e não há mais valioso ensino do que o civismo), revestida da responsabilidade dos que governam. Porque o Governo é, no seu mais alto sentido, uma escola: a escola do equacionamento, do estudo e da solução dos problemas da nacionalidade, entre os quais avultam, na sua importância, os da formação humanista, da especialização técnica, da sedimentação e da densidade do espírito científico ligado à dinâmica do desenvolvimento, isto é, à independência efetiva do país. Na magistratura suprema do Estado, assim o entendi e assim o interpreto. Outros sentimentos não

342

tenho manifestado, acêrca dos deveres do poder constituído em relação às mais graves questões da realidade social.

343

Proclamo o otimismo como uma condição sadia e honesta de fé. Creio no Brasil. Invoco o progresso veloz e o quero acelerado, em metas cumpridas sem hesitação nem retardamento, porque na emancipação econômica está a base da soberania: significa o bem-estar das populações; e o triunfo nacional. Considero indiscutível a fórmula, segundo a qual, ou nos anteçipamos fazendo em cinco anos o que demandaria cinquenta — na proverbial lentidão das economias desidiosas — ou o desafio da vida internacional nos deixará distantes das nações poderosas que valorizam o tempo, valorizam o trabalho, valorizam o homem, valorizam sobretudo a inteligência, dando-lhe o comando da batalha do futuro. Apelo para as forças novas da Pátria, porque me habituei, em contato cotidiano, a admirar-lhes a tenacidade e rendimento, e a sentir com elas as limitações da conjuntura, o constrangimento da rotina, todos os males crônicos que obstruem a ação da autoridade, nos seus esquemas de serviço e nas suas impaciências de realização. Chamo à fala as gerações que despontam para a luta. Desejo interessar nesse esforço comum os brasileiros que sobrepõem às divergências estéreis a consolidação da riqueza, a prosperidade, o prestígio, a paz da nação, inconformados com as idéias mesquinhas do desânimo e atraso, porque no seu patriotismo vibra a nota clamorosa do entusiasmo — pelo desenvolvimento. Em nenhum lugar esta palavra sincera, dita com a consciência da hora mundial a um povo que não teme os desafios e os sustos da civilização presente — se faz mais necessária e mais enérgica do que no ambiente universitário. É preciso reconhecê-lo. Área fechada às injunções da

paixão que transtorna o pensamento construtivo; vasto laboratório de ciência pura; centro de estudos universais em que se exerce o primado do espírito livre; núcleo incorruptível de vocações em que se sucedem discípulos e professores unificados pela sêde do conhecimento, identificados pela angústia da superação; fortaleza das liberdades morais, ante cujos muros recuaram tôdas as insídias da violência; esperança permanente da sociedade, na sua eterna renovação — a escola representa a continuidade viva das nações. É nelas que se revêem, que se transformam, que se reabilitam, que dia a dia adquirem as possantes determinações da vitória. Sempre foi assim; e atualmente é assim, de um a outro extremo da terra.

Outrora era nas escolas que se preparavam, com o atleta, o cidadão, o guerreiro, o chefe. Por isso gregos e romanos fizeram das suas academias o quartel de recrutamento da hegemonia e do império. Mais tarde os pátios escolares foram os seminários da erudição e da eloquência: o mundo clássico nêles formou a sua mentalidade jurídica, o seu humanismo, a sua estética, a sua filosofia religiosa, a sua personalidade intelectual. Veio depois a técnica. Estamos na fase da técnica absorvente, da corrida aos mistérios da matéria, das inesperadas aventuras do gênio matemático, das incríveis proezas do cálculo e da experiência, da invenção e da pesquisa, em cujas possibilidades aparentemente inesgotáveis entrevêem os pessimistas a ameaça a tudo que existe, e os otimistas enxergam o desdobramento e a proteção de tudo o que merece subsistir. E foi exatamente às Universidades que recorreram os Governos, para pedir-lhes a orientação, a inspiração, a solução. Em tôdas as regiões do universo, onde há escolas de intensa atividade há articulação

344

com os Governos empenhados em receber delas essa colaboração indeclinável.

345 O ilustre mestre que proferiu com tanta proficiência a aula magna, professor Deolindo Couto, salientou de modo impressionante a importância da pesquisa científica no quadro dos labôres universitários, e deu a respeito a notícia mais útil e recente.

346 Concordo integralmente com as conclusões, aliás sem contradita séria, que recomendam a mobilização da ciência, a serviço do desenvolvimento, e fazem do preparo, em número crescente, de profissionais especializados, o fator primordial dêsse programa. Não podíamos continuar presos à rotina do bacharelismo e do doutoramento com a omissão das necessidades an-siosas do país, que reclamam o reajustamento do ensino superior a fins cada vez mais específicos, ou seja, cada vez mais sociais e objetivos. A Universidade tem por propósito conciliar o geral e o particular, harmonizando a cultura humanista, que lhe dá a altura espiritual, com o profissionalismo encaminhado ao bem da coletividade, a técnica em todos os seus setores, a investigação científica como imposição de autonomia e florescimento, a criação de *équipes* sábias, de cujas luzes se valem a administração e as empresas, incorporando-as aos instrumentos da consolidação nacional. Seria insólito, nem é admissível, retirar à Universidade o seu idealismo, despojando-a dos estudos clássicos, ou da visão filosófica da vida, sua primeira razão de ser. Queremo-la possuída dos sagrados ímpetos do justo e do belo, no amor das letras e das artes, que constituem o patrimônio imortal dos povos. Mas não é possível desconhecer o seu encontro com a crise moderna; e o papel por ela desempenhado na modificação assombrosa das condições humanas. Encorajemos tudo o que de finamente espiritual a espiritualiza. Porém pro-

movamos tudo o que de necessariamente científico a inclui entre as peças da organização do mundo, da movimentação e da reforma do mundo atual. Porque uma segurança a Universidade nos dá. A segurança de que a sua admirável capacidade de decifrar os segredos da existência tem um comportamento estabelecido, uma ética invulnerável, um pensamento impoluto. Subordina-se à consciência dos direitos humanos, inacessíveis, na sua divina essência, às coações brutais do despotismo e do terror. Dobra-se aos deveres do convívio pacífico e da democracia cristã. Exalta a solidariedade das classes, a unidade cívica do povo, o seu respeito às instituições livres, o seu anseio de ordem e prosperidade. Liga-se espontânea e fortemente ao culto da Pátria.

É o Brasil de hoje e de amanhã que honra essas cátedras, que frequenta êsses bancos escolares, que afirma a sua crença na marcha esplêndida da nação, e festeja, com a abertura de mais um período do ensino público, a sua gloriosa continuidade.

347